

Proletrários de todos os países UNI-VOS!

Adiante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GRAVES E SANGRENTOS ACONTECIMENTOS NAS COLÓNIAS PORTUGUESAS!

A VIDA PACÍFICA DO POVO PORTUGUÊS E DOS POVOS COLONIAIS ESTÁ AMEAÇADA PELA POLÍTICA DE SALAZAR

Estão a dar-se acontecimentos graves nas colónias portuguesas, onde corre sangue, há vidas sacrificadas e pessoas vítimas da mais feroz repressão. Entretanto, Salazar não diz à Nação e a censura oculta a gravidade de todos esses factos por todos os modos.

Em TIMOR, os autoridades salazaristas prenderam muitos timorenses e indonésios, MASSACRARAM ALGUNS DESSES PATRIOTAS PRESOS COM GRANADAS DE MÃO E BOMBAS DE GASES LACRIMOGÊNICOS e deportaram outros para Portugal, que se encontram encerrados nas casas-matos do Forte de Caxias.

Na GUINÉ, conforme noticiu a imprensa diária de 5 de Agosto, deram-se reconcontros entre os marfilinos do porto de Bissau e as forças repressivas que queriam forçar os marfilinos em greve a descarregar em dois barcos da CUF. Como desses reconcontros tivesse resultado a morte dum sub-chefe da PSP, as autoridades salazaristas, como represália, TERIAM MANDADO FUZILAR 26 TRABALHADORES GREVISTAS. Este crime dos colonialistas provocou, como é de calcular, grande indignação popular. Em lugar de mandar castigar as autoridades salazaristas responsáveis deste crime, Salazar enviou no dia 10 para a Guiné 3 Dekolas com soldados paraquedistas, que foram lançados sobre Bissau, enviou, pelo navio «Pero Escobar», uma companhia de soldados caçadores e TEM PRONTOS A PARTIR 3 AVIÕES DE BOMBARDEAMENTO, municiados com bombas, para atacar a população da Guiné, ao mesmo tempo que mandou pôr de prevenção as forças da Aviação, no País.

Em ANGOLA, nos últimos tempos têm sido presos centenas de trabalhadores africanos e muitos deles foram massacrados e assassinados impiedosamente pelos criminosos da PIDE, que procuram lançar o terror entre as populações africanas das colónias portuguesas. Recentemente, foram presos também cerca de 50 portugueses residentes em Angola, entre os quais o Eng. Celazans Duarte, o Arq. Veloso, o Padre Pinho de Andrade, etc. Relacionados com estas prisões, em Lisboa foram presos Francisco Louro, o estudante de Medicina Barradas e outras pessoas.

Salazar e os colonialistas portugueses e estrangeiros, que auferem milhares de contos de lucros sugados ao trabalho-escravo dos africanos, a mais negra miséria dos povos nêgros coloniais, como são os colonistas Vasco Lopes Alves (actual ministro das colónias), Paulo Cunha, Marcelo Caetano, os monopolistas da CUF, etc., pretendem agora afogar em sangue a ânsia de liberdade, de independência, duma vida melhor por que esses povos aspiram e a que têm direito.

Salazar quer lançar o povo português numa guerra colonialista

A mordada que oprime o povo português é a mesma que oprime e escraviza da forma mais cruel os povos das colónias portuguesas. Salazar afirmou, em Dezembro de 1958, que «DEVEMOS ESTAR PREPARADOS PARA ENFRENTAR DE TODOS OS MODOS» os temporais que ameaçam Portugal e as colónias portuguesas. Recentemente, em 15 de Agosto, o ministro do Exército declarou que «há forte possibilidade de podermos vir a ser confrontados, a não muito longo prazo, com situações que podem pôr em jogo sagrados interesses da Nação». A ânsia de liberdade, a ânsia de se libertarem da opressão fascista de Salazar une os portugueses aos povos coloniais. Quer a luta dos democratas e anti-salazaristas no País, quer a luta de africanos, asiáticos e indonésios nas colónias portuguesas, não ameaçam Portugal, como aleivosamente dizem os fascistas, mas unicamente os interesses dum punhado de monopolistas que o governo representa e cujos interesses defende, os quais saqueiam as riquezas da Nação portuguesa e dos povos coloniais.

«ENFRENTAR DE TODOS OS MODOS» essa ânsia patriótica significa recorrer à violência das armas (continuação na 5.ª página)

A CAMINHO DO DESANUIAMENTO INTERNACIONAL

Manejos desesperados da reacção mundial para que se malograssem a Conferência de Genebra e outras tentativas de negociação, não impediram, contudo, que os esforços dos povos e, em particular da União Soviética, fossem coroados de êxito. Eisenhower e os seus conselheiros foram obrigados a mudar de tom e a ceder de novo o passo às iniciativas de paz, pressionados pela opinião pública mundial e, inclusive, pelo próprio povo americano.

E agora, desde que foram anunciadas as visitas de Krutchof aos Estados Unidos e de Eisenhower a Moscovo, podemos dizer que o Mundo pôs nelle toda a sua atenção e também muitas das suas esperanças de desanuviamento internacional, de paz entre os povos. O Mundo está sedento de paz. O mundo aplaude calorosamente os encontros dos chefes de Governo das duas nações mais poderosas. Aplauda e abraça verdadeiramente os esforços da União Soviética que, apesar de ser a nação do mundo militarmente mais poderosa, mais bem preparada, é a que marcha infatigavelmente na vanguarda da luta pela paz mundial.

Em Berlim, em Londres e em Paris, Eisenhower pôde apreciar que quando os governantes percorrem caminhos susceptíveis de conduzir à paz, eles são acolhidos com manifestações de simpatia e de incentivo para que continuem a avançar. Oaxá! que quando Eisenhower se sentar à mesa com Krutchof tenha bem presente esta lição eloquente dos povos.

Só um punhado de ateadores de guerra, monopolistas sem pátria e sem coração, lançados na avidez do lucro, sempre lucro, só esses se mostram alarmados pelo rumo que as negociações possam tomar. Este

(continuação na 5.ª página)

PARA DEFENDER O POVO E A NAÇÃO DOS PERIGOS DAS AVENTURAS COLONIALISTAS E DA GANÂNCIA DOS MONOPÓLIOS, DEMISSÃO DE SALAZAR!

O Comité Central do Partido Comunista Português, na sua reunião de Julho último, denunciou os perigos da continuação de Salazar no poder e a impossibilidade de fazer viver e progredir o país enquanto não for realizada uma mudança de governo e de regime num sentido democrático. Os factos posteriores vieram ainda confirmar a justeza desta conclusão e das propostas e consignas lançadas pelo Comité Central para unir e mobilizar a Nação contra Salazar.

É que a crise para onde o salazarismo arrastou o país está a assumir aspectos dos mais graves. Neste momento estão a passar-se acontecimentos alarmantes que requerem a maior vigilância das massas populares e uma acção firme, organizada e imediata de todo o povo, para que o nosso país não seja arrastado para uma situação sem saída, carregada de perigos e ameaças para a vida pacífica dos portugueses e a independência de Portugal.

Salazar está a aliar o país para uma guerra colonial

Um dos mais graves perigos que ameaçam a Nação, deriva da política de agressão colonialista que está a ser levada a cabo pelo governo

de Salazar. Sangue de patriotas da Guiné, de Timor, de Angola e doutros territórios subjugados pelo colonialismo português está já a correr em nome dos interesses mesquinhos dum punhado de grandes roceiros e colonialistas portugueses e estrangeiros que, sob a protecção de Salazar, exploram vilmente os povos dessas colónias.

Salazar passou já da preparação psicológica para uma guerra colonial, a verdadeiros actos de guerra e de pirataria contra as populações das colónias submetidas ao jugo dos colonialistas portugueses.

O governo salazarista prepara-se activamente para desencadear vastas operações repressivas e armadas nas colónias de África.

Contingentes de tropas estão a ser enviados para essas distantes paragens e oficiais do exército foram já enviados para Inglaterra a fim de se especializarem na tática do combate às guerrilhas que os colonialistas ingleses movem contra a população do Quênia.

A nossa juventude, que a política provocadora do governo em relação a Goa tem afixado para a longínqua Índia, está agora a ser conduzida para uma matança certa nas inhóspitas terras africanas ao servi-

ço duma causa injusta e anárquica-damente vencida.

É preciso deixar claro que uma guerra colonial é profundamente prejudicial ao povo português, que o nosso povo não aprova esses actos vis dos colonialistas portugueses, capitaneados por Salazar, contra os povos das colónias portuguesas que aspiram justamente à independência e cuja causa merece a simpatia do que há de verdadeiramente progressivo e representativo da população portuguesa.

A feroz política colonialista de Salazar está desmorando o nome de Portugal e pode dificultar as futuras relações, fraternais e amigas, com os povos das colónias portuguesas, cuja libertação e independência «será uma inevitabilidade histórica dos nossos dias».

Fome, desemprego e ruína, eis as consequências do domínio dos monopolistas

Esta política de feroz colonialismo acarreta graves perigos para o nosso país.

Mas uma outra séria ameaça que pesa sobre a economia da Nação e a vida dos amplas massas populares, é a que resulta do

(continuação na 2.ª página)

PARA DEFENDER O POVO

(continuação da 1.ª página)

processo de monopolização da economia nacional e do seu enfeudamento aos interesses monopolistas estrangeiros, através da participação de Portugal na guerra comercial que divide a Europa capitalista em dois blocos: Os chamados «Mercado Comum Europeu» e «Associação Europeia do Comércio Livre».

Com a adesão de Portugal a um destes blocos, Salazar abriu ainda mais a débil economia portuguesa a uma acção muito mais intensa e brutal dos monopólios estrangeiros contra a produção nacional, condenando a indústria e agricultura portuguesa a uma concorrência irresistível sobre o próprio mercado nacional e lançou assim a economia do país numa rampa que a conduzirá à ruína e a uma crise sem precedentes.

Os discursos do Secretário do

Comércio, no acto de posse do Subsecretário da mesma pasta e na recepção aos industriais conservadores do Algarve, são bem concludentes da política e das intenções do governo: Concentração monopolista na indústria e no comércio nacionais; eliminação aberta e descarada dos sectores mais débeis da burguesia nacional.

O que significa esta política para o futuro imediato da Nação? Para as amplas massas trabalhadoras isso significa o desemprego em massa e salários ainda mais baixos — o que quer dizer mais miséria e mais fome para a esmagadora maioria do povo português.

Para a burguesia nacional — todos os industriais, agricultores e comerciantes — não monopolistas — tal política significará a ruína a curto prazo.

O Secretário do Comércio, pretendendo descartar a responsabilidade do Estado salazarista na situação difícil que se avizinha, declarou que «em Portugal não é pública, mas privada a propriedade dos meios de produção; que em Portugal não é ao Estado mas aos particulares, detentores desses meios de produção, que compete em primeiro lugar a iniciativa da sua melhor utilização».

Mas quem desconhece que a economia portuguesa não é livre, que o Estado, fiel serventão do capital financeiro, é que determina os preços e os salários, as cotas de produção (caso dos vinhos do Porto, por exemplo) e de distribuição, é quem impõe a discriminação do nosso comércio externo, impedindo os industriais, agricultores e comerciantes portugueses de negociar livremente com os países socialistas?

Na realidade, a intervenção do Estado fascista não é para proteger a nação, mas sim para a submeter brutalmente aos sordidos interesses do capital financeiro, inimigo da nação.

Unidos na luta contra o salazarismo

Para resolver a aguda crise em que se debate o país, para desfazer perigos e ameaças que se acastalam sobre a vida pacífica do nosso povo, é urgente UNIRE MOBILIZAR TODOS OS PORTUGUESES.

As classes trabalhadoras reforçarão a sua unidade lutando cada vez com maior energia contra a exploração dos monopólios, contra a carestia da vida, por um aumento imediato e geral dos salários, jornas e ordenados.

Os industriais, agricultores e comerciantes, devem lançar-se decididamente contra a monopolização da economia nacional certos de que estão a defender os seus haveres da ganância do capital financeiro.

A juventude, além de lutar dia após dia, hora após hora, pelas suas reivindicações específicas, deve resistir e lutar energeticamente contra os intentos salazaristas de a transformar em carne de canhão numa guerra colonial.

Todos os portugueses, homens e mulheres, independentemente da sua condição social e das suas convicções políticas e religiosas, DEVEM LUTAR UNIDOS PELA DEFESA DE SALAZAR, O PIOR INIMIGO DA PAZ E DA PROSPERIDADE DE PORTUGAL.

A FRAGMENTAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DA PROPRIEDADE RÚSTICA

O desequilíbrio existente na divisão da propriedade rústica toma no nosso país aspectos profundamente chocantes.

Além dos antigos latifúndios de 5.000, 10.000 e 20.000 hectares de superfície, que representam sobrevivências do feudalismo, novos latifúndios se vão formando pois são numerosos os exemplos de grandes capitalistas, como Manuel de Melo, Espírito Santo, Delfim Ferreira, Pinto de Azevedo, Bustorff Silva, etc., que invertem muitos milhares de contos na aquisição de propriedades.

Simultaneamente com esta acumulação capitalista sob a forma de concentração da propriedade rústica, verifica-se noutras regiões uma fragmentação tal que as propriedades resultantes têm superfície cultivável tão limitada que a sua exploração se torna anti-económica aos seus detentores.

Esta evolução da propriedade rústica, que nenhuma medida legislativa contraria seriamente, determina contrastes gritantes de região para região. Enquanto no concelho de Montemor-o-Novo se encontram médias de 114,9 hectares por contribuinte rústico, essa média desce para a superfície irrisória de 0,2 hectares por contribuinte no concelho de Ilhavo!

Enquanto um reduzido grupo de latifundiários e grandes capitalistas amontoam as suas riquezas aos lucros da terra, 50% das explorações agrícolas do país (segundo os números e classificação do Instituto Nacional de Estatística) são «empresas familiares imperfeitas», isto é, empresas em que o empresário ou membro da família necessitam de trabalhar fora da exploração para suprirem a insuficiência do rendimento desta.

Esta situação aparece em toda a sua injustiça na grandeza das áreas ocupadas pela grande e pela pequena exploração agrícola.

As explorações com uma superfície até 10 hectares, representam 94,9%, do número total, mas ocupam apenas 32,3% da área de todas, enquanto que as de superfície de mais de 100 hectares, representam apenas 0,4%, do número total, mas ocupam 44,5% de toda a área das explorações agrícolas. (Números extraídos do Relatório Final Preparatório do II Plano de Fomento e baseados sobre 801.432 explorações recensadas por classes de extensão de cultura arvense, correspondentes a 62% da área cultivada mais produtiva do país).

A hipoteca, os empréstimos hipotecários leoninos concedidos aos médios e pequenos lavradores pelos grandes agrários ou pelos bancos, jogam um grande papel na concentração da propriedade, pois na maioria dos casos o rendimento arrancado das terras hipotecadas não consente a amortização das dívidas, antes acumula na maioria das vezes os juros com o capital emprestado, acabando na entrega das propriedades hipotecadas ao agiota. Isto explica que, num intervalo de 13 anos, de 1938 a 1951, desaparecessem, por incorporação em outros prédios rústicos, mais de meio milhão de propriedades em todo o país.

A agudização da crise em que a agricultura portuguesa se debate, a acção crescente do capital financeiro sobre toda a economia nacional, a acção monopolista dos organismos corporativos da lavoura, incrementarão mais e mais a concentração da propriedade rústica. Por outro lado, tornará mais difícil a vida aos pequenos proprietários e determinarão um maior parcelamento da pequeníssima propriedade.

Esta situação é grandemente prejudicial não só para a grande massa dos camponeses portugueses mas para o próprio desenvolvimento da agricultura nacional. No I e no II Planos de Fomento também se diz o mesmo, mas os remédios aplicados ou apontados nada têm contribuído ao menos para estancar uma evolução altamente nociva ao país. Bem ao contrário, o governo salazarista só faz acelerar este processo histórico da sociedade capitalista.

Duma justa repartição do solo nacional depende o progresso económico da Nação. Só uma ampla Reforma Agrária, aliada a uma política de protecção às massas camponesas, sob a forma de cooperativas de produção, de crédito fácil e barato, poderá entravar esta acelerada marcha para a ruína de centenas e centenas de milhares de camponeses em Portugal.

AS MASSAS REPELEM OS TRAIDORES

O traidor Manuel Amador foi colocado pela PIDE como apenador na fábrica SIAM de Alhandra. Ao terem conhecimento de quem era o novo apenador, quase todos os operários da fábrica se dirigiram à gerência pedindo que tal indivíduo fosse expulso.

A gerência da SIAM não despediu o traidor Amador, mas a reafirmação das massas a acceitar o seu contacto é um exemplo de quem espera aqueles que traem os interesses do povo e da classe operária. Eis um exemplo que deve ser seguido.

CURA POUCA DA RELIGIÃO

Nos princípios de 1957 foi enviado para a vila do Seixal um novo pároco. Para atrair a juventude, este dinâmico padre, meteu numa das dependências da igreja uma mesa de ping-pong e criou um curso de corte e de costura.

Panselares acaso, que o objectivo desse senhor padre era atrair à religião a juventude? Nada disso. Passados 7 meses da sua chegada ao Seixal, chamou todas as pessoas que iam à igreja e convidou-as a indicarem-lhe as pessoas que eram contra o governo, que havia no concelho 4 agentes da PIDE que precisavam de apresentar serviço...

Assubando da sua qualidade de padre e da boa fé dos crentes, este miserável especulou com a religião, procurou descobrir, quem sabe se até por meio da confissão, adversários do regime salazarista ou apenas simples descontentes para em seguida os denunciar à PIDE.

Os bons católicos do Seixal não podem desejar na sua terra um tal padre.

PARA ENFRENTAR A CARESTIA DA CARNE, SAL E CAMARÃO

—LUTAR PELO AUMENTO GERAL IMEDIATO DOS SALÁRIOS, JORNAS E ORDENADOS



As denúncias do Partido Comunista Português sobre as consequências da política de miséria do salazarismo na vida diária das massas e no agravamento da economia do país, são amplamente comprovadas pelas realidades do dia a dia.

Salazar opõe-se a que os salários dos trabalhadores sejam elevados, intervém mesmo junto de alguns patrões que se mostram inclinados a satisfazer as justas reivindicações dos seus operários, mas deixa as mãos livres aos grandes especuladores e monopolistas para elevar à sua vontade os preços de artigos e serviços indispensáveis à vida diária do povo.

Nos últimos tempos subiram de facto os preços de vários produtos o que, dada a estagnação dos salários e o aumento do desemprego, significa na realidade uma nova subida do custo de vida.

Aumentou o preço da carne (só a de porco subiu cerca de 10%); do bacalhau, que deixou de se contar por preços inferiores a 16 e 17500 do pão, cujo peso foi reduzido de 20 gramas por unidade, o que representa um aumento real do seu custo; do peixe, das batatas, das conservas de carne, da banha, etc.

Ao mesmo tempo, subiram igualmente as rendas de casa nos principais centros urbanos. Nas populações povoadas da linha de Sintra, depois da electrificação dos transportes ferroviários, e da Margem Sul do Tejo, depois do anúncio (só anúncio ainda!) da construção da ponte sobre o Tejo, o custo da habitação subiu de 15, 20%, e mais.

Os transportes colectivos do Porto foram aumentados, a C.P. eleva quotas cada mês as suas tarifas e a carris de Lisboa lançou já os primeiros balões de ensaio para elevar as tarifas dos eléctricos e autocarros. As populações de Coimbra e do Porto estão ameaçadas duma nova elevação das tarifas eléctricas. É toda uma engrenagem infernal montada para encher os cofres dos monopolistas à custa da fome e da miséria das massas populares.

Como é possível travar a subida dos preços e combater os efeitos da carestia da vida? Como é possível desfazer e pôr a nu a demagogia salazarista?

Não há outra forma senão a luta. A luta na empresa junto do patronato, a luta nos Sindicatos e Casas do Povo e junto das autoridades salazaristas, a luta das donas de casa nas ruas, bairros e mercados. Esse é o duro caminho que os trabalhadores têm diante de si nas condições do salazarismo, mas a experiência mostra que é o único que permite combater e travar a política de fome de Salazar e reduzir os seus efeitos na vida dos trabalhadores e dos seus filhos.

Vêde, trabalhadores das fábricas e dos campos, o magnífico exemplo dos pescadores de Matosinhos. Eles deram-nos o exemplo mais brilhante de como é possível lutar e vencer quando a firmeza e o espírito de organização das massas é posto à prova. Foram 70 dias de grandes dificuldades, de muita fome, de sérios sacrifícios, mas ao fim e ao cabo as soldadas foram eleva-

das de cerca de 150%, e a melhoria nas condições de todos os trabalhadores do mar da Costa Norte foi geral.

Os estivadores de Leixões aguentaram-se a fazer menos de metade do trabalho normal durante mais de um mês mas ao fim obtiveram aumentos de cerca de 60%, nos seus salários. O mesmo aconteceu noutros sectores onde os trabalhadores souberam unir-se e lutar pelas suas reivindicações, recorrendo algumas vezes à greve como forma de vencer a resistência do patronato e das autoridades salazaristas.

Contratos colectivos que elevem realmente os salários

As lutas que se travaram nos primeiros 7 meses do ano, e que mobilizaram mais de 100 mil trabalhadores e interessaram mais de 300 mil, já obrigaram o governo a fazer coisas que não faria sem tais lutas. Muitas das medidas do governo destinam-se a lançar pôs nos olhos dos trabalhadores mas a própria luta obrigará Salazar a fazer outras coisas que não deseja. Nos últimos tempos foram assinados mais contratos colectivos que durante anos atrás. Muitos desses contratos são uma misificação pois os salários que eles estabelecem são em alguns casos mais baixos do que os que já são pagos aos trabalhadores, como aconteceu, por exemplo, aos ferroviários, aos cerâmicos e outros.

Mas a luta por contratos colectivos que garantam um aumento efectivo dos salários deve ser travada e alargada. Para isso, há que lutar em todas as frentes de todas as formas. A luta na base do sindicato é indispensável. É preciso fazer que as direcções dos sindicatos tomem a defesa dos trabalhadores que representam.

A luta nos sindicatos não basta

Mas a luta exclusiva nos sindicatos tende a ser abastardada pela acção de direcções desonestas ou dos lacaios do ministro Veiga de Macedo encravados nos sindicatos se não for conjugada com a luta junto dos patrões e das autoridades.

Os patrões não ouvem um ou dois operários isolados. Mas se vêm na sua frente a maioria do pessoal e se os vêem animados da decisão de lutar pelos seus direitos até onde for preciso, eles são obrigados a ouvir e muitas vezes a atender as reivindicações dos trabalhadores.

Mas o principal é que todos se unam como um só bloco por empresa, por indústria, por região. Contra essa muralha unida não passará a ofensiva patronal nem a repressão salazarista.

Ao mesmo tempo há que travar a luta contra a carestia da vida e nesta luta as donas de casa têm um grande papel a desempenhar. Se as donas de casa se organizarem em comissões de rua e de bairro, se se dirigirem por escrito ou pessoalmente em massa às autoridades, se organizarem «comités contra a vida cara» nos mercados para

travarem a luta contra a subida dos preços, estes acabarão por baixar seguramente. O exemplo das mulheres de Grândola que há tempos enviaram uma exposição ao presidente da Câmara, protestando contra o aumento do custo de vida, deve ser seguido.

Todas estas frentes de luta se conjugam e da sua crescente amplitude se fortalecerá a luta dos trabalhadores pela melhoria geral das suas condições de vida.

Lutemos pelo aumento imediato dos salários! Lutemos contra a carestia da vida!

PARA A CAMPANHA DOS MIL CONTOS

Transp. 686.524\$00	Firmeza entre o	Pelo demissão	mulheres	10,00
Alvaro	Imínio	de Salazar	Unidade anti-	
Cunhal (4)	Germano	Pela realização	fascista (T)	80,00
Idem	130,00	tarefas do	Item (A)	10,00
A Machado	Gilberto A. Marcel	Comissão	750,00	União dos
Amnistia	5000,00	Intelectual pelo	Pescadores	salazarista R
Avante mineiros	demissão do	à luta	15,00	Unidade Anti-
Idem	32,50	Salazar	Pró-luta	100,00
Idem	32,50	João peregrino	Pró-luta	97,50
Campânia dos	Libertação	Pátria livre	200,00	Viva a de-
1.000) contos	Libertação	Pró-luta	247,00	mocracia
(N L)	25,00	Pró-luta	100,00	15,00
Compania	Mafamato	Bádo livre	50,00	do P.C.P.
Colectivista	100,00	Resto d'cupon	30,00	dores de
Cafarina (B)	152,50	Salazar	30,00	3.500,00
Idem	330,50	Salazar, Imínio,	100,00	Unidade
Cerca	Garcia	«Imínio» n.	1,70	Cunhal (TV)
Vermelha	3.000,00	Salazar vai	8 de Março	30,00
Idem	30,00	Idem	1.000,00	de Outubro
Idem	30,00	Spulnik (bol)	45,00	Idem
Coupon	1.704	Sapeiros	31 de Janeiro	20,00
Idem	20,00	prograsias	20,00	Idem
Idem	10,00	Sophia (Ref)	25,00	Idem
Idem	30,00	Unidade des		
				TOTAL: 737.888\$00

NOTAS E COMENTÁRIOS

«Fechou a fábrica «Milena», de Coimbra. Os mil «fábricas que fecham pelo país fora levam milhares de milhares de trabalhadores que não ganham o seu pão e dos seus, vítimas da econometria industrial salazarista, «Milena» fechou por outras razões. Os seus donos, salazaristas (trentes), tinham aconselhado os operários e cuspiam sobre o carro do general Odebrecht os seus passaportes por Coimbra. Odebrecht por todos os lados a boicoteagem do comércio local que deixou de lhes comprar os seus produtos. E assim não ficaram outro remédio senão fechar. O encerramento da «Milena» é uma das muitas consequências do epíteto do grande drama salazarista.

O senhor Eduardo Malta que pintou Salazar em vários tamanhos e feitios e conduziu há poucos anos um trabalho político contra a Sociedade Nacional de Belas Artes, recebeu há poucos meses os seus «30 dinheiros» com a sua nomeação para director do Museu do Arte Contemporânea. A nomeação deste criminoso recebe para um cargo que reclama competência e lança a arte pública indigna todos os artistas e intelectuais portugueses que enviaram ao ministro Eça uma petição de protesto. O ministro não se pôde conter e escreveu ao senhor: «Mas não se pode calar assim a voz da nação, não é verdade?»

Os fascistas e o seu chefe Salazar não perdem aqueles que duma forma ou doutra não se dispõem a fazer o fecho salazarista e se não insistem no controle do povo. A gerência da EFA-ACGE, foram operários fizeram a greve o ano passado como protesto contra a burocratização, de facto soube a gerência da EFA-ACGE e o seu quadro de organização por não se terem prestado a testemunhar contra os grevistas no julgamento e que foram submetidos no tribunal pluri-funcional. O que os condenou a um verdadeiro libelo contra o governo de Salazar e a PIDE.

Os funcionários da PIDE Casimiro Monteiro, actualmente em serviço no Indútem um processo por 50 crimes cometidos em Goa. É claro que no processo não entram os crimes que este funcionário cometeu em Portugal. Para o governo de Salazar — que instiga e protege todos os crimes da PIDE — ter processado este seu servidor foi representativo, pois não devem ter sido os crimes cometidos.

Pelo sim pelo não convém ao governo do Salazar submeter ao crivo de censura a imprensa livre e as autoridades do seu aparelho administrativo, não há a ver com isso. Assim é que o discurso que o Presidente do Município de Aveiro devia pronunciar no dia 15 de Junho da cidade foi censurado pelo respectivo governador civil que lhe cortou todas as referências aos «Democratas José Estêvão». Enfim, amigos, amigos, mas conjaque a parte...

De vez em quando continuam a chegar até nós ecos da passada visita ao norte do país do usurpador Américo Tomás. Em Aveiro a PIDE proibiu a representação da peça de Luis Francisco Rebelo «O dia seguinte» pelo Circolo da Festa Experimental na Vespere do vilão. Entretanto, para o concerto dado em honra de Américo Tomás tiveram de restituir o dinheiro aos poucos que haviam conseguido bilhete e 100.000 réis. Os bilhetes grátis para ver se se macha muita gente. No dia da visita os alto-falantes chegaram a apitar para os evolucionistas — não foram fúidos nas acclamações, não foram fúidos nas acclamações do TEDEO MEDO porque o Senhor Presidente era seu amigo(a)! Afinal os alto-falantes não foram fúidos...

Desde 1 de Janeiro a 27 de Maio deste ano foram inscritas para o Ministério do Interior — pela PIDE — verbos para «gestos confidenciais» no montante de 14.000 contos. Os bilhetes para a recepção do Imperador da Etiópia, num exercício de boas relações com a «para o Negus»... foram comprados por preços no valor de 10.000 contos. Os bilhetes para a recepção do Negus MEDO porque o Senhor Presidente era seu amigo(a)! Afinal os alto-falantes não foram fúidos...

Um número de «Diário das Setúbas» sobre a discussão do modo de eleição do presidente da República Portuguesa, foi interrompido pelo deputado José Hermano Saraiva ainda não saiu. Porque será?

Um anúncio significativo do «Diário de Notícias» de 27-7-1959: «O governo se não denuncia para a imprensa livre, mas permite subliminar. Resposta ao Jornal II, n.º 1026».

No país da Europa não há mais mudanças. A imprensa portuguesa não denuncia algumas coisas das condições da vida da carreira média em Portugal. Se mais não houvesse, só isto mostraria como é justa a actual situação da imprensa portuguesa pela dignidade do seu nome, por isso.

Aprovaram uma reforma da Organização da Saúde do nosso País e uma nova tabela de vencimentos

Na Aula Máxima da Faculdade de Medicina, realizou-se no dia 20 de Junho, das 21 horas às 6 da manhã do dia 22, a Assembleia Regional do Sul da Ordem dos Médicos, com a participação de cerca de 800 médicos, vindos de todos os pontos do país, para apreciação, discussão e aprovação do Relatório elaborado pela Comissão eleita por cerca de 1.000 médicos, em julho de 1958.

O Relatório contém o pensamento e as aspirações da classe, levantando o ciclo de conferências sobre os problemas da Medicina em Portugal e em várias assembleias realizadas na Ordem dos Médicos, em Lisboa, e em algumas intervenções no Congresso das Misericórdias, onde os médicos já tinham proposto e foi aprovado por aclamação a integração dos Serviços actualmente dependentes do Ministério das Corporações (Caixas de Previdência) no Ministério da Saúde. O Relatório é o resultado da Unidade da classe traduzida nas eleições para a Direcção da Secção Regional do Sul.

Formulando as aspirações da classe, conjuga-as com as necessidades sanitárias da população, fazendo um exame à organização e funcionamento dos serviços médicos, no capítulo da Saúde Pública (Hospitais), Medicina Organizada (Caixas de Previdência, Casas do Povo, dos Pescadores, etc.), Assistência (Misericórdias, etc.) e Clínica Livre.

O Relatório conclui que a situação actual dos médicos é de insegurança económica e profissional, de falta de incentivo e de falta de aperfeiçoamento científico e técnico.

Propõe as bases para o estabelecimento das Carreiras Médicas, coordenação tão completa quanto possível da medicina curativa com a preventiva e integração dos Hospitais e serviços afins (consultas, dispensários e postos) num único sistema de serviços, o que significa acabar com o actual sistema de dois serviços de saúde: um de assistência pública realizado pelos Hospitais, Misericórdias, etc. e outro corporativo, através das Caixas de Previdência.

A Assembleia teve um alto significado e revestiu-se de uma importância e alcance nacionais.

A sala não chegou para comportar a assistência, obrigando-a a espalhar-se por outras salas onde acompanharam os trabalhos, através de alto-falantes. Abaixo-assinados dos médicos estagiários e de uma Comissão de Médicos de Setúbal, assim como numerosas cartas de apoio, foram lidos na abertura da Assembleia. E o Relatório foi imediatamente aprovado, por aclamação, na generalidade, no início da discussão, sublinhando-se as dificuldades em que vive a maior parte da classe médica, o mau funcionamento dos serviços, a nula assistência ao povo trabalhador e que *«o que queremos é uma organização unitária de saúde que permita que a assistência médica chegue a todas as localidades do país e não apenas dos grandes centros. Não é para aqueles que têm dinheiro para ir*

ao consultório que a organização proposta se destina. Esses continuarão a utilizar a clínica livres».

A Assembleia aprovou a seguinte tabela de vencimentos: Internato Geral, 4.000\$000; Internato complementar, 4.500\$000; 2.º assistente, 5.500\$000; 1.º assistente, 6.500\$000; e director de serviço, 8.000\$000 (acréscimos de uma remuneração variável correspondente a horas extraordinárias, etc.), vencimentos que actualmente se cifram, respectivamente, em 700\$000, 1.000\$000, 1.400\$000 e 2.500\$000.

Para os médicos dos Hospitais Regionais foi aprovado o vencimento mínimo fixo de 6.000\$000, sujeito a suplementos variáveis, segundo o número de doentes a seu cargo.

No final, foram aprovadas 2 moções, por aclamação. Uma que determinava enviar o Relatório ao Conselho Regional e Conselho Geral para este o enviar ao Governo, em nome da classe. A outra que propunha um voto de louvor à Comissão que elaborou o Relatório.

A unidade da classe, revelada neste período de um ano, através de várias assembleias e flagrante-

mente na Assembleia do dia 20 de Junho, em Lisboa, provou, mais uma vez, que esse é o caminho para alcançar a satisfação das justas reivindicações. Esta rica experiência será certamente lida na devida conta, ao desenhar-se uma nova e consequente fase da luta dos médicos — a da materialização dos princípios basilares preconizados no Relatório.

Também os médicos do Porto e de Coimbra (têm realizado reuniões para se pronunciarem sobre os problemas da carreira médica e sobre o relatório acima referido). Numa assembleia geral extraordinária, que começou às 22 horas do dia 1 de Setembro e terminou pelas 7 horas da manhã do dia seguinte, com vasta assistência, os médicos do Porto discutiram vivamente os problemas da classe e elegeram uma comissão regional para elaboração de um relatório e parecer sobre a carreira médica no espírito da exposição dos seus colegas de Lisboa.

Os médicos dão assim um importante exemplo às outras profissões intelectuais que tantos problemas têm igualmente para discutir e para resolver.



TRIBUNA DO LEITOR

Desmascarou-se uma vez mais, Senhor Ministro

Em discurso pronunciado no dia 8 de Julho, o Ministro da Educação, depois de frisar que vivemos no período mais difícil da instrução pública portuguesa, que faltem edifícios escolares e professores, fez ainda esta afirmação: «... não digno dum fascista...» O problema é, agora, o de destruição do um sistema do ensino que garantia a selecção de um escol, preservando os inválidos das massas, as universidades e os estudos pré-graduados.

Pelo censo de 1950, apenas 1,4%, dos portugueses, dos 18 aos 34 anos, possuem o frequência no ensino superior, segundo os planos do senhor Leão Pinto até onde deve descer aquela já vergonhosa percentagem?

E como seleccionar esse tal escol? Toda a gente o sabe: tudo depende da bolsa de cada um e não da sua capacidade intelectual. Se é rico, se tem «pedrinhas» pode frequentar os bancos universitários. Se é pobre, mil dificuldades há-de aninhar o caminho, desde as próprias caríssimas a outras exigências incompreensíveis.

Sua Ex.ª, em síntese, às vezes a paralisar sobre pilinos de ensino. Que são castelos no ar, puro demagogismo, provam-no, agora as suas afirmações mas e agora que frequentam o ensino superior, os planos do senhor Leão Pinto até onde deve descer aquela já vergonhosa percentagem?

Quando ao ciclo comum preparatório... aguardam-se ainda novos inquéritos... Sua Ex.ª desmascarou-se uma vez mais e desmascarou o regime que há 33 anos eprego a tão falada «política de espírito». Apesar das veladas ameaças com que o ministro da Educação se utiliza para a determinação obscurocristã que sempre foi norma do governo de Salazar, apesar das violências da que lançou nos anos 40 e 50 a educação se uniu a organizar-se, se fizeram exposições assinadas por todos os letrados, se recorreu à imprensa diária, pressionando a classe e a cada angustiosa situação dos seus filhos ou educandos, obrigando o senhor L. Pinto a recuar e o encontrar solução, porque a solução existe.

Que se gaste menos dinheiro com preparativos de guerra, com manutenção das forças policiais, com as passadas dos saloizistas e mais e mais edifícios poderão ser construídos.

Que se alarguem os concursos para o ensino, que se pague condignamente ao professorado, e os mestres aparecerão.

Uma professora

Novo processo de exploração nas minas de S. Pedro da Cova

Os mineiros, que se encontram arruinados da saúde e que estavam em serviço melhorado, foram convidados a retomar todo o trabalho pesado. Aqueles que não puderam aguentar foram colocados em 2550 por dia. A Direcção em vez de dar o aumento tinha prometido a todo o pessoal logo que o novo ano começasse (1958), já lá vão quase dois anos, o que fez foi baixar o salário de fome que paga aos seus operários.

Uma mineração de exploração é marcar tarefas aos mineiros muito grandes e quando estas tarefas não são cumpridas são castigados e chegam à aplicação de todos os castigos de trabalho de 2 e 3 dias. A Direcção também estabeleceu primas aos mineiros que ultrapassam as contagens marcadas pelos capitães. Daqui resultam graves incompreensões dos trabalhadores, pois deixam muitas vezes o trabalho mal seguro resultando acidentes que a Direcção não confirma, sempre chamando o mineiro a comissão responsável pelo desastre, não o baltando a acidentes, arruinando cada vez mais o seu saúde num esforço inútil para ganharem mais alguma coisa.

Ainda à pouco tempo perdeu a vida um mineiro e o engenheiro que compareceu no local do desastre ordenou aos capitães, ao lugar de sair pelo caminho, fosse retirado por pouco muito apertados, chamando a levar o cadáver de restos, como quem leva um toro de madeira.

Foi dada ordem aos médicos da Caixa de Companhia para se balnear o pessoal quando este já não puder dar um passo. Os mineiros tinham uma viva indignação contra a Direcção que os explora com requintes de cinismo e ainda ameaça pô-los no rua.

Um mineiro

O MEDO DO SACA-ROLHAS

É estúpido o título? Mas que outro poderíamos escolher se é de facto do «medo do saca-rolhas» que vamos falar?

Tu já imaginaste, leitor amigo, que alguém possa premeditar um atentado a uma alta figura da «Situação» a executar na frente de 3 mil membros da União Nacional com um saca-rolhas? A tua imaginação pode ser fértil, podes mesmo ser um leitor apaixonado de romances policiais, mas certamente que uma tal coisa nunca te passou pela cabeça. Pois bem, a PIDE, a famigerada Pide, recolheu que isto pudesse acontecer!... Escuta.

Quando foi do jantar de homenagem a Salazar, na Feira das Indústrias, as precauções de segurança tomadas pela polícia foram enormes, embora já se soubesse que a ele não compareceria o homem mais odiado em Portugal, isto é, o homenageado, nem o usurpador da triste figura.

Tu fizesse concerteza uma ideia das buscas que foram passadas ao edifício, da chusma de agentes que se encontrava por todos os cantos, dos cidadãos que houve em não deixar aproximar ninguém que não fosse conhecido, e de toda a série de outras providências que a «talentosa» polícia costuma tomar em casos semelhantes.

O que já talvez não consigas imaginar é que as precauções foram ao ponto de serem minuciosamente revistados os 200 criados que se viriam à mesa; que atrás de cada cozinheira estavam dois agentes controlando o seu trabalho; que na própria sala do banquete havia para cada 10 empregados um agente encarregado de vigiar o seu serviço e os seus movimentos. O que aconteceu com os pobres dos homens destacados para o serviço da mesa da presidência, isso, nem por sombras te passará pela mente. As fardas foram lhes fornecidas pela PIDE para nas costas ou nos chumbinhos nada houvesse escondido. Uma fita de cor nas calças, distinguia-os dos colegas de modo a que sobre eles pudesse incidir a sua dupla vigilância. Nos bolsos, nem um inofensivo lenço lhes permitiam.

Uma dificuldade, porém, atrapalhou momentaneamente os «espartos» policiais: O SACA-ROLHAS. Como resolver o problema do saca-rolhas? Uma arma tão temerosa não se poderia permitir que andasse à solta e fora do alcance do olhar arguto dos agentes. Que fazer? Privar a ilustre mesa da presidência dos prazeres de Baco em favor da segurança parecia forte demais... Uma ideia genial surgiu para salvar a situação: os criados não transportariam consigo «os traqueiros» objectos; sobre a mesa, bem à vista, é que eles deveriam ficar. Assim foi. Distribuídos metulosamente entre cada três pratos, pelos próprios agentes, os saca-rolhas repousaram todo o tempo sobre a toalha branca, bem à vista dos policiais e dos comensais, de modo a que somente pudessem ser utilizados durante uns curtos segundos e... para abrir garrafas!

Que medo, santa Deus, e que imaginação da polícia!

DESANUVIAMENTO INTERNACIONAL

(continuação da 1.ª página)

alarme manifesta-se a nibém nos circuitos governantes ocidentais que servem interesses de classe bem marcados e não os verdadeiros interesses dos seus povos. Conferências prévias em que se afadigam, recriminações mútuas ditadas por profundas contradições que lavram entre si, são disto claro índice, embora, na aparência, aos ouçamos hinos à paz mundial, aos direitos sagrados dos povos. Mas a própria necessidade de falarem uma linguagem de paz é já de si bastante sintomática e positiva, reveladora da força dos povos.

A reacção não desconhece que imensas forças dão o seu apoio activo a todas as iniciativas que visem a paz. Milhões e milhões de mães que criam os seus filhos para um futuro radioso. Milhões e milhões de jovens que sonham com a construção do seu lar e dum mundo melhor. São milhões que defendem a vida contra a morte, que não esquecem os horrores da última guerra, deflagrada há precisamente 20 anos. Hiroshima e Nagasaki permanecem quadros dramaticamente vivos na memória de toda a humanidade.

É certo que a reacção toma as suas posições tradicionais e, assim, o governo fascista de De Gaulle prepara experiências atómicas no deserto do Saara, de colaboração com os revanchistas de Bonar; os acontecimentos no Laos e nas fronteiras chinesas são grosseiramente desvirtuados; Franco lida com as parcelas do território espanhol para que os americanos ali instalem rampas de lançamento de foguetes etc., etc.

E, como não podia deixar de ser, Salazar alinha com a mais negra reacção. As perspectivas de desanuviamento internacional, Salazar responde com discursos de guerra civil e posições de força.

Na metrópole, o salazarismo desencadeia uma repressão cruel, espumante de desespero e ódio, profere ameaças de guerra civil como resposta aos desejos e propósitos de solução pacífica do problema político nacional por que clama toda a Nação.

Nas colónias, o salazarismo conduz uma política aberta de violências e de crimes que pode gerar perigosos focos de guerra. Salazar pretende varrer à metralhadora os justos anseios dos povos indígenas à liberdade e à independência. Como o «Avante!» relata noutra obra, chegaram-nos notícias de graves acontecimentos provocados pela sede de exploração e opressão dos colonialistas nacionais e estrangeiros.

Quer dizer, o ditador, viradas as costas ao povo português, ao mundo inteiro, continua a arrastar Portugal para o abismo. Mas Salazar será obrigado a ouvir a voz dos povos e, fundamentalmente, a voz do povo

português. Ouvi-la é sonora e inevitavelmente, e já não vem longe o dia em que tal acontecerá.

Portugal quer ser livre e não uma nação oprimida nem opressora. O povo português acompanha com satisfação e optimismo as promessas de desanuviamento que se desenham na arena internacional e saberá continuar a dar a sua contribuição à sagrada causa da paz.

MENSAGEM DUM HEROI

Dentre as centenas de patriotas caídos nas garras do inimigo surgem exemplos de luminoso heroísmo, enormes na sua simplicidade, que são espelho da luta patriótica do nosso povo contra os opressores salazaristas. Publicamos a seguir o fragmento duma mensagem dum desses simples heróis que souberam dignificar a sagrada causa do povo.

«Fui preso e logo no 2.º dia fui chamado à PIDE e puseram-me 6 dias e 6 noites seguidas de «estátua» e sem me deixarem dormir, depois mandaram-me para uma cela onde me deixaram 10 dias. Sai da «estátua» todo inchado dos joelhos até aos pés e mais alguma coisa. Depois de 10 dias de cela fui novamente para a «estátua» onde estive mais 3 dias e 3 noites. Querem que reconheça fotografias. Mantenho-me e manter-me-ei sempre firme.

Se algum dos camaradas da organização for preso, a salvação será não dizer nada, negar tudo, não se deixar levar. Eles dizem que sabem e dão dados certos com provas e não nos deixam dormir de dia e de noite; chegamos a ver bichos, o chão a andar para cima e para baixo, a cabeça oca e gelada, mas é uma grande alegria passar tudo isto e olhar para o futuro sem corar. Ninguém tudo mesmo com provas.»

COIMBRA contra a elevação das tarifas eléctricas

O povo de Coimbra está ameaçado com um novo aumento de tarifas da energia eléctrica.

A Companhia eléctrica das Beiras — a mesma que em 1957 tentou elevar as tarifas da cidade de Leiria e que o povo desta cidade fez recuar numa grandiosa manifestação de protesto nas ruas — manobra agora juntamente com a sua associada União Eléctrica Portuguesa, para subir as tarifas do 3.º escalão, que é precisamente o que mais interessa à população. A electricidade das Beiras está ligada fortemente ao Banco Espírito Santo.

O povo de Coimbra começou já a lutar contra estas manobras dos monopólios da electricidade. Uma exposição assinada por 100 municípios [ou] já entregue ao governador civil e uma outra com cerca de 50 folhetos entregue ao presidente da Câmara e aos serviços municipalizados. Estas acções são já um passo, mas não bastam. O exemplo do povo de Leiria mostra que só a força das massas obriga os monopólios a recuar. Que a população de Coimbra desperte e não se deixe enganar por quem está em péso à rua e a sua voz será escutada.

Isto ali é que o nosso povo um dia acaba por apagar com os sérios privilégios dos monopólios.

NAS COLÓNIAS PORTUGUESAS

(continuação da 1.ª página)

mas, impor pela força o domínio duma camarinha odiosa, recorrendo ao massacre de portugueses e de africanos, como sucedeu em 1953 em S. Tomé e está continuamente a suceder em Goa, Damão e Diu. O envio da força militar para as colónias (agora o envio de tropas paraquistas e de aviões de bombardeamento) mostram bem claramente que Salazar está na disposição de lançar o povo português e os povos coloniais em lutas sangrentas, que cobrirão de vergonha o nome de Portugal perante os povos democráticos e progressivos do mundo, que espalharão o luto e a dor nos lares das mulheres portuguesas e das mulheres africanas e asiáticas.

A confirmação de que são esses os objectivos do governo fascista de Salazar encontramos na nos «novos encargos da defesa do Ultramar» de que [leu] o ministro da Defesa, Botelho Moniz, a 20 de Agosto, nas visitas do Sub-secretário do Exército e de outros altos patentes à Guiné, S. Tomé, Angola, Cabo Verde, etc. Tudo isto significa que as forças do Exército, da Marinha e da Aviação estão a ser destinadas pelo governo de Salazar, não para desempenharem o honroso papel de defensores da Pátria portuguesa, mas sim como gendarmes ao serviço dos colonialistas e sob os ordens do ditador Salazar e dos factores da PIDE, que ainda recentemente foram condecorados pelas suas violências contra os povos coloniais, especialmente na Guiné e em Angola.

Tendo em conta esta situação grave que Salazar está a criar à Nação portuguesa e aos povos das colónias portuguesas, verificando que a vida pacífica do povo português e dos povos coloniais está seriamente ameaçada pelo colonialismo feroz do governo salazarista,

o Comité Central do Partido Comunista Português, no seu manifesto de Julho de 1959 avverte o povo português de que «A conquista da sua independência, pelos povos das colónias portuguesas será uma inevitabilidade histórica dos nossos dias. Pretender entravá-la por meio da guerra, para a qual Salazar se prepara activamente, seria mergulhar o nosso País na ruína e no luto. O melhor da nossa juventude e dos nossos bens ficarão enterrados nos campos de África, se não conseguíssemos para a lizar o tempo os desígnios criminosos de Salazar e sua camarinha».

PORTUGUESES E PORTUGUESES! Salazar e os colonialistas que o apoiam ameaçam lançar o País numa ignominiosa guerra colonialista que teria gravíssimas consequências para a nossa Pátria.

O Partido Comunista Português denuncia esta feroz política colonialista e alerta o povo português para os perigos que o rodeiam. Primeiro Goa, agora Guiné, Timor e Angola!

Temos de opor uma enérgica resistência à política colonialista dos salazaristas. Fazendo-o, estamos a lutar pela justa causa da Paz e de Democracia e contra um regime de tirania que nos oprime há 33 longos anos.

É dever de todos os patriotas oprimidos e por todos os meios a oposição mais enérgica aos desígnios de luterem pelo estabelecimento dum convívio [fraterno] com os povos coloniais que muito justa mente aspiram a ser senhores dos seus destinos e a pôr termo ao ignóbil colonialismo.

SOLDADOS E OFICIAIS DAS FORÇAS ARMADAS! Recusai-vos a colaborar na defesa dos interesses dos colonialistas por todos os meios ao vosso alcance. Recusai o papel de gendarmes em que Salazar vos quer transformar!

A FALTA DE SEGURANÇA NO TRABALHO CONTINUA A PROVOCAR INÚMEROS DESASTRES

A falta duma fiscalização efectiva por parte dos representantes dos trabalhadores e das autoridades locais de trabalho — fábricas, minas, obras, etc. — deixa as mãos livres ao patronato explorador para a prática de verdadeiros crimes. O ministério das Corporações, a quem por direito cabia a organização duma fiscalização das condições de segurança no trabalho, não cumpre essa missão, embora para efeitos de propaganda se diga interessado e tenha mesmo anunciado uma «campanha» demagógica.

Todos os dias os jornais diários relatam numerosos desastres de trabalho e a morte por falta de segurança de muitos operários. São andaimas que abatem, e arrastam na sua queda os operários que neles trabalham; são minas mal entivadas que abatem e deixam soterrados os mineiros; é a falta de vestuário isolador que deixa electrotrocados muitos electricistas; falta de máscaras ou máscaras impróprias, que fazem com que certas poeiras minem a saúde dos operários com a sífilose, e muitos outros aspectos semelhantes de falta de segurança no trabalho.

A campanha de produtividade, com ríjimos intenses de trabalho

que esgotam os operários, é também a causa de numerosos acidentes.

A tragédia bem recente, na Siderurgia Nacional, em Paio Pires, veio mais uma vez mostrar o desprezo do grande patronato e do governo fascista pela vida dos trabalhadores. A queda da cobertura da secção de laminagem fez cair os andaimas onde trabalhavam numerosos operários e provocou dez mortos e doze feridos em estado grave.

Os directores deste novo monopólio, bem assim como as autoridades fascistas e a própria grande imprensa diária, procuram isentar de responsabilidades a direcção da Siderurgia Nacional neste grave desastre, procuram esconder as responsabilidades que cabem aos fiscais do Estado e da S. N. nessa tragédia, que deixou no luto e na miséria uma dezena de lares.

Ante a dura realidade destes factos, a demagogia dos governantes salazaristas desfaz-se em fumo. Os trabalhadores têm de lutar junto das direcções dos seus sindicatos e junto do patronato para que haja segurança no trabalho, para que as suas vidas preciosas não sejam sacrificadas em proveito dos grandes patrões exploradores.

OIÇA A RÁDIO

MOSCOVO

Transmite diariamente para Portugal no horário das 22.30 às 23.30 horas, pelas ondas de 16, 25 e 31 metros.

PRAGA

Transmite diariamente para Portugal pelas ondas de 16, 25 e 31 metros, das 19.30 às 19.55 horas. E nas ondas de 10, 19, 25, 31 e 41 metros, das 22 horas às 22.30.



O SOCIALISMO EM MARCHA

CUMPRIR E ULTRAPASSAR O PLANO SEPTENAL

O Plano Septenal de Fomento da Economia e da Cultura da União Soviética, para os anos de 1959-65, aprovado pelo XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, pela sua grandiosidade surpreendeu todo o mundo e intimidou os governantes dos países imperialistas. Mas apesar da sua grandiosidade, muitos dos oradores do XXI Congresso, expressando-se em nome das organizações e sectores da produção que representavam, não hesitaram em afirmar que cumpririam o Plano em 6 anos e, em alguns casos, até em 5 anos.

O balanço realizado ao decorrer do Plano Septenal, pelo Plano do C.C. do P.C. da U.S.S.R. em fins de Junho, é a comprovação de que os soviéticos cumpriam abnegadamente aquilo que prometem.

Nos primeiros 5 meses de 1959 a produção industrial teve um aumento de 11%, em comparação com o mesmo período de 1958. A produtividade do trabalho na indústria aumentou em 82% na construção em 97%. No mesmo período, o reba-

nho nacional incluindo o gado vacum teve um aumento de 1.325.000 cabeças e o gado suíno de 5.500.000 cabeças, todos os artigos da pecuária aumentaram consideravelmente e são amplas as perspectivas no terreno da produção cerealífera.

Enquanto na maioria dos países capitalistas a crise aumenta continuamente, a produção não aumenta nem diminui, na União Soviética todos os ramos da sua economia se encontram em grande ascenso. O Plano do C.C. elaborou resoluções visando assegurar a realização vitoriosa do Plano que os trabalhadores soviéticos acolheram como uma causa sagrada, realizar esforços para a liquidação do trabalho manual pesado nas indústrias e na construção, nos transportes e na agricultura, intensificar a mecanização e a automatização do conjunto da produção e desenvolver rapidamente a indústria ligeira e a produção de artigos de consumo.

Os estadistas e políticos burgueses dos países capitalistas hoje já não escarneçam dos Planos soviéticos. Quando Krutchev perguntou a Harriman, que recentemente visitou a URSS, o que pensava do Plano Septenal, o milionário americano respondeu: «Penso que o cumprirei!».

Na União Soviética — conforme afirmou Krutchev no recente Plano do C.C. — «a vida torna-se cada vez mais alegre, não só de ano para ano, como em cada dia do ano. Dir-se-ia que arrancamos enormes blocos de granito e levantamos com eles o grandioso edifício da sociedade comunista». O camarada Krutchev concluiu o seu discurso manifestando a convicção de que os soviéticos não pouparão esforços para cumprir e ultrapassar com êxito o Plano Septenal, o que será uma grande obra para o fortalecimento da U.R.S.S. e de todo o campo do socialismo, para o fortalecimento da Paz mundial e para a edificação do comunismo na União Soviética.

A SITUAÇÃO DAS CRIANÇAS PORTUGUESES

O senhor José Saraiva disse na Assembleia Nacional que: «Ainda não há muito, numa povoação do Nordeste do Concelho do Fundão, a um inquérito para determinar quantas das crianças que frequentam a escola primária careciam de alimentação gratuita a fornecer para cantina escolar: o resultado foi o de que nenhuma podia deixar de ser assistida. E na própria sede do Concelho, verificou-se que muitas crianças contavam com a escola para a sua guarda, a guarda de quem com elas lhes era servida. A educação era, por indicação dos pais, o terreno para casa — a fim de o repartir com os irmãos».

Muito ilucidativo sobre a política de protecção à infância apreçoada por Salazar e sobre o desafogo da vida dos trabalhadores portugueses...

A CLASSE OPERÁRIA CONTINUA A SUA LUTA POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

Apesar do terrorismo desenfreado por Salazar, que aos pedidos de aumento de salários e trabalho garantido, acode sim, mas em detrimento dos patrões exploradores, a valente classe operária continua a lutar pela satisfação dos seus interesses vitais.

Os metalúrgicos de Braga, por exemplo, continuam lutando pelo aumento dos seus salários. A sua comissão geral tem-se avistado várias vezes com o delegado do INT e a direcção do Sindicato. Entretanto, a luta nas empresas começa a desenvolver-se.

Na empresa ONÇA, onde os encarregados foram aumentados \$500, todos os operários se concentraram junto da gerência pedindo o aumento de salários. Na empresa SAROTOS, como os patrões nada resolveram sobre o pedido anterior dos operários, estes começaram a fazer cerca em apoio das suas reivindicações. A extensão da luta dos metalúrgicos de Braga às empresas reforçará a ecção que estão travando pela elevação dos seus salários.

CEIFAS:

Este ano, com o enorme acréscimo de ceifeiras mecânicas muitos trabalhadores ficaram desocupados e recrudescer a ofensiva dos agrários através da oferta de jornas baixíssimas. Em muitos pontos do Alentejo e do Ribatejo, os ceifeiros e ceifeiras uniram-se e lutaram por melhores jornas, mas a ganância dos grandes agrários, bem protegidos pelo governo salazarista, impediu que as jornas atingissem um nível conveniente.

Em Salvaterra de Magos, cerca de 200 ceifeiros concentrados na praça de jorna conseguiram 37\$00 no arroz e 70\$00 para os meloais.

Na Romeira, no dia 21 de Junho, os trabalhadores locais estiveram até às duas horas da madrugada em luta com os patrões que só,

mente queriam pagar 35\$00. Aca-

barem por errancar os 35\$00. Em Ervidel, alguns ceifeiros sentaram-se em greve e os patrões resolveram-lhes a propriedade do agrário Francisco Barbosa. O managerio tratou a GNR para expulsar os trabalhadores. Como estes se recusassem, os 5 guardas da patrulha apontaram as armas contra os ceifeiros. Estes protestaram e queriam alistar-se com as foices à GNR, no que foram impedidos pelas mulheres. Cinco foram presos e espancados, mas, ante os protestos dos seus companheiros, foram postos em liberdade.

Em Orada, os ceifeiros fizeram greve em apoio do seu pedido de jornas mais altas, tendo havido luta com a GNR. Quatro camponeses foram presos.

O emprego das máquinas, encurtando o período das ceifas e baixando as jornas dos ceifeiros, exige que se trave desde já a luta contra o desemprego, reclamando nas Casas do Povo o estabelecimento de controlos colectivos e obrigando os agrários a distribuírem entre si os trabalhadores desempregados. Os operários agrícolas devem discutir a sua situação em amplas assembleias de massas e unirem-se contra a exploração dos grandes agrários. Devem ir com as suas mulheres e filhos concentrar-se nas Casas do Povo, nas Câmaras Municipais e junto das restantes autoridades reclamarem trabalho e pão.

Outras lutas

Em Beringel, 7 homens que andavam com uma debulhadora abandonaram o trabalho porque o patrão se recusou a aumentar-lhes o salário. Logo apareceu a PIDE e a GNR com intimidações e a querer saber quem era o cabeça. Mas os trabalhadores mantiveram-se firmes e responderam-lhe que os cabeças eram todos eles com as suas necessidades.

Em Trigaches, como o patrão duma debulhadora quisesse pagar uma jorna mais baixa do que a prometida, os operários abandonaram o trabalho, o que ocasionou reencontros entre as forças repressivas e o povo.

Também em Sines grupos de trabalhadores abandonaram o trabalho por serem salários de miséria os que ganhavam.

Na fábrica Vassallo (V. Franco de Xira), 6 operários conseguiram um aumento de \$300 por dia, mas o patrão parece que, em troca, quer tirar um abono mensal de 120\$00.

Na Trejilária de Sacavém, 15 operários exigiram que o abono lhes fosse pago mais cedo e conseguiram-no.

No lugar de Brogueira (Torres Novas), os trabalhadores agrícolas alcançaram a vitória e impõem o começo da sexta no dia 1 de Abril. Para esta vitória muito contribuiu o facto dum grupo de trabalhadores, munidos de latas e paus, terem andado de fazenda em fazenda chamando a atenção dos seus companheiros e esclarecendo-os sobre a sua reivindicação. A união faz a força.

AS FORÇAS ARMADAS, A P.S.P., G.N.R., A P.J. NÃO DEVEM COLABORAR COM A PIDE NA REPRESSÃO CONTRA O POVO

Sob as ordens de Salazar, a PIDE faz detenções em massa, assalta residências de cidadãos e estabelecimentos públicos, detém transportes colectivos e maltrata e persegui os seus ocupantes. Bairros inteiros de Lisboa e Porto são submetidos a rusgas maciças. Povoações do Alentejo, do Baixo Ribatejo e outras são assaltadas e vasculhadas por forças armadas de metralhadoras, sob as ordens da PIDE, e por vezes submetidas a um longo regime de ocupação terrorista.

Nestas vastas operações repressivas a PIDE está atraindo para a frente com as forças da G.N.R., da P.S.P., da Polícia Judiciária e até do Exército.

Salazar e o ministro nazi Arnold Scholz fazem isto deliberadamente, a fim de desviar para cima destas forças o ódio popular contra a PIDE.

Acceptarão elas tão odioso papel? Salazar e o seu acólito da pasta do Interior cabulham abertamente militares honrados que quiseram e querem lavar o seu país da deson-

ra fascista e da ignominiosa ditadura de Salazar. Oficiais do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, da própria G.N.R. foram postos a ferro. Muitos outros, incluindo alguns da P.S.P., foram afastados dos seus cargos por já não oferecerem confiança à camarilha governante.

Atraindo sobre as forças armadas, a G.N.R., P.S.P. e a Polícia Judiciária o ódio que o povo português vota à PIDE, Salazar pretende servir-se daquelas forças como barreira de choque contra as massas populares, pretende criar um abismo entre elas e a nação.

Oficiais, sargentos, cabos e soldados do Exército, da G.N.R., da P.S.P., funcionários da Polícia Judiciária! É vosso dever não vos prestardes a esta vil manobra de Salazar. Estais ainda a tempo de evitardes que o ódio do povo caia também sobre vós, que ele vos identifique com os criminosos da PIDE.

O exemplo dum numeroso grupo de oficiais permanentes das líras armas que subscreveram um docu-

mento reclamando a dissolução da PIDE, é um gesto dignificante que deve ser secundado por todos os militares amantes do seu povo.

SOLDADOS DA G.N.R. E DA P.S.P.! Para que meia dúzia de grandes financeiros, industriais e agrários encham socegradamente os cofres à custa da miséria do povo, vós sois submetidos a um serviço exaustivo, com rondas e rusgas constantes, com noites e noites sem descanso, atraindo como se fósseis cães de fila contra o povo de que sois filhos.

Impõe-se resistirdes ostensivamente ou passivamente às ordens de repressão da PIDE. Sob a vossa farda albergam-se muitos homens honrados, fiéis ao seu povo, muitos trabalhadores e filhos de trabalhadores, a quem não pode deixar de repugnar tão indigna tarefa.

O povo português espera de vós esse espírito de resistência, esse repúdio aberto do papel que vos quer fazer desempenhar o governo e o seu chefe, Salazar, cuja saída do poder a nação exige.